

“LUGAR DE MULHER NÃO É NA COZINHA”

REARTICULANDO GÊNERO E ALIMENTAÇÃO NO EGITO ANTIGO

Thais Rocha da Silva¹

RESUMO

Os estudos sobre alimentação no Egito antigo não tratam do Gênero como tema central. Contudo, os estudos de Gênero no Egito trazem a alimentação como um tema privilegiado, associando a produção dos alimentos, o âmbito doméstico ao papel das mulheres como produtoras. Meu objetivo é discutir essas associações, apresentado a origem desses modelos ainda utilizados para o estudo das mulheres e do gênero no Egito antigo.

Palavras-chave: Egito Antigo, Alimentação, Estudos de Gênero.

ABSTRACT

Studies on nutrition in ancient Egypt do not address “Gender” as a central theme. However, studies about Gender in ancient Egypt present food as an important subject, linking the production of food, domestic context to the role of women as producers. My purpose is to discuss these associations showing the origin of these models, still used for the study of women and Gender in ancient Egypt.

Keywords: Ancient Egypt, Food, Gender Studies.

¹ Mestre pelo Departamento de Letras Orientais, FFLCH-USP sob orientação do Prof. Antonio Brancaglioni Jr.

Os estudos sobre as práticas alimentares no Egito antigo estão tradicionalmente desvinculados da abordagem do gênero e do papel das mulheres (Darby et alii, 1977; Brescianni, 1998, Tallet, 2002). Pesquisadores privilegiaram a religião e os estudos funerários, notadamente a iconografia e o material arqueológico. Em contrapartida, os estudos de gênero importaram a questão alimentar na medida em que articularam a produção dos alimentos ao âmbito doméstico e ao papel das mulheres. Essa aparente contradição na historiografia possui raízes no modo como os estudos de gênero chegaram à Egíptologia e como parte dos egiptólogos ainda entende gênero como sinônimo de “mulheres”.

O artigo publicado “A senhora da casa ou a dona da casa? Construções sobre gênero e alimentação no Egito Antigo” (SILVA, 2012) tinha como proposta apresentar em linhas gerais os problemas relacionados aos estudos sobre a alimentação no Egito. Mais especificamente, tratava-se de identificar nos estudos de gênero formulações teóricas (e mesmo políticas) que atrelavam os temas ligados à produção de alimentos e à comensalidade ao universo feminino. Nesse escopo, formulações sobre “mulheres”, “feminino” etc. revelam limitações de estudo que não só estão presas a uma agenda feminista “ocidental”, mas sobretudo projetam um mundo “burguês” para a sociedade egípcia. Neste texto, pretendo ampliar um pouco esse debate e verificar de que modo a normatividade da relação mulheres-espaco doméstico e, mais ainda cozinha-domesticidade-mulheres se constituiu, servindo como um paradigma quase universal.

Se parte significativa das fontes sobre o tema da alimentação estão associadas ao contexto funerário, como articular percepções sobre o gênero, o corpo e mesmo a ideia de *self* que não sejam reduzidas às idealizações egípcias para a vida pós-morte? Se os registros encontrados nas tumbas, sobretudo na iconografia, têm como objetivo garantir a realização do morto, sua glorificação e evitar sua privação da fome e da sede, não podemos assumir que esse tipo de dado aponte diretamente para as atividades cotidianas.

Brancaglion (1999), em seu estudo sobre a iconografia dos banquetes funerários em tumbas tebanas, demonstra em que medida as cenas das tumbas foram analisadas como meras atividades cotidianas, negligenciando por muito tempo aspectos simbólicos ligados ao morto e à cerimônia. Observando as cenas dos banquetes, os indivíduos representados ali não consomem os alimentos, e a sua presença nesse contexto específico revela mais sobre as projeções e desejos para a outra vida do que um simples “reflexo” da rotina diária. As razões para isso ainda são debatidas e inconclusivas. A historiografia limita-se a reconhecer que a presença das imagens dos alimentos já era garantia da alimentação, identificando aspectos simbólicos desses alimentos, como símbolos de fertilidade, mas os trabalhos ainda têm em grande medida um tom excessivamente descritivo. Nas cenas das estelas funerárias as oferendas são depositadas diante dos deuses e do morto, mas nenhuma delas apresenta o alimento sendo consumido.

A boca como equipamento biológico tende a naturalizar as práticas em torno da linguagem e da alimentação. A fala, depois materializada na escrita, era responsável pela criação do universo na cosmogonia menfita. Assim, as ações em torno do falar e do comer estavam diretamente ligadas à ideia de manutenção da existência. Não por acaso, o determinativo de um homem levando à mão à boca () é o mesmo para designar os verbos “falar” e “comer” (SILVA, 2012; BRESCIANI, 1998).

Do mesmo modo, fontes textuais como o *Livro para sair à luz do Dia*² advertem o morto sobre as privações da fome e apresenta uma série de mecanismos para se escapar da falta de alimentos no outro mundo, como a *Fórmula para não comer excrementos e não beber urina no Reino dos Mortos* (LM Cap. 53), que permite ao morto ter à sua

² Conhecido popularmente como Livro dos Mortos.

disposição os alimentos dos deuses. Contudo, os textos não apresentam referências sobre o modo como os alimentos eram processados, nem indícios de receitas completas³.

Foi a história da arte e a religião que forneceram os enquadramentos teóricos para o estudo da alimentação no Egito que, por vezes, se desdobraram em temas associados à economia e ao desenvolvimento tecnológico (produção, agricultura, etc.). Mais recentemente a tecnologia permite que as múmias sejam investigadas e novas informações sobre a alimentação e a dieta dos egípcios se tornaram acessíveis a nós⁴.

Entre as suas diversas formas de comensalidade, como a alimentação dos mortos, a substituição mágica dos alimentos pelas suas imagens, alimentos mumificados - e mesmo o grande número de papiros mágicos associados a práticas alimentares, as questões de gênero aparecem de forma secundária. Mas se isso é verdade, então é preciso buscar a origem dessas molduras teóricas que selecionaram e trataram as fontes egípcias.

A MULHER VAI PARA A COZINHA

A associação da mulher ao espaço doméstico e especificamente à produção dos alimentos encontra suas raízes no final do século XVIII. Não se trata de afirmar que as mulheres não participavam dessas atividades antes do século XVIII, o que seria uma afirmação leviana e descabida. O ponto é identificar no modelo de sociedade iluminista a justificativa para o novo lugar e papel da mulher.

Laqueur demonstra que nos textos anteriores ao iluminismo, o sexo ou o corpo, eram compreendidos como epifenômeno, enquanto que o gênero, que nós

³ Os registros textuais de preparação de alguns alimentos se encontram nos papiros médicos, mas são raros. Normalmente estão associados a outras práticas mágicas.

⁴ O Brasil tem realizado projetos de investigação de múmias com técnicas menos invasivas no Museu Nacional da UFRJ, sob coordenação do Prof. Brancaglioni Jr.

consideraríamos uma categoria cultural, era primário ou “real”. O gênero - homem e mulher - fazia parte da ordem das coisas; ser homem ou mulher significava manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não *ser* organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis (LAQUEUR, 2001, 19).

É o século XIX que providencia uma explicação natural para as diferenças de gênero (MCCOMARCK e STRATHERN, 1980, 07). A busca das diferenças físicas passou a ficar mais intensa na medida em que essas diferenças tinham importância política (LAQUEUR, 2001, 22). O modelo positivista e evolucionista de ciência, sociedade e mesmo de história traduzem a subordinação da natureza como sinônimo de progresso. Desse modo, a subordinação feminina passa pela ideia de que a natureza é transformada em cultura. Nesse período, as diferenças entre os gêneros se transformaram em diferenças entre os sexos e se deu, portanto, a fusão das categorias natureza e cultura (LAQUEUR, 2001).

Um exame pela história nos oferece uma conclusão interessante na medida em que a associação mulheres-natureza nem sempre ocorreu em todas as sociedades; ao contrário, muitas vezes se associou o homem à natureza pela sua força e capacidade física em atividades ligadas à caça, por exemplo (MCCOMARCK e STRATHERN, 1980, 08), enquanto a mulher estaria associada ao aspecto cultural uma vez que “transformava” a natureza em produto humano: cozinha, criação dos filhos, etc. Mas é importante ressaltar que a nossa percepção de natureza é portanto, cultural, passando pela construção de simbologias que são intrínsecas a cada sociedade e desse modo, não universais. Assim, “os atributos que dirigimos às categorias de gênero são baseados na *nossa* percepção (itálico meu) do que homens e mulheres fazem” (MCCOMARCK e STRATHERN, 1980, 13).

Laqueur (2001) retoma a história da revolução francesa demonstrando como no momento em que se cunhou o ideal de liberdade e igualdade num discurso democrático, as mulheres foram excluídas desse “novo mundo”. O mundo burguês que se instaura coloca a mulher fora da política e cria uma ideia de domesticidade própria aos novos

valores. O trabalho de Carvalho (2001) sobre a constituição de gêneros nos espaços domésticos em São Paulo, em fins do século XIX e começo do XX, aponta para uma apropriação de determinados objetos na construção de simbolismos de gênero. A autora demonstra de que modo o jogo de forças centrífugas e centrípetas atuam no espaço da casa, relacionadas aos modelos de gênero instituídos. Ao analisar o aburguesamento da sociedade paulistana nesse período, constata:

A cultura burguesa pressupõe sempre a crença na evolução pessoal. A baixa capacidade de individualização feminina facilita a produção, pela mulher, de uma identidade que não é a sua, mas da família que representa. (2001, 79)

Tal processo se dá através da integração do corpo feminino com os objetos domésticos, “cuja característica é a inespecificidade” (CARVALHO, 2001, 61), enquanto os objetos masculinos apontam para a construção de uma personalidade única em sentido oposto à representação da família.

Na constituição desse novo universo burguês é preciso levar em conta os impactos do fim da escravidão, distintos nos EUA, Brasil e Inglaterra. A constituição de um trabalho doméstico feminino não pode ser generalizado, razão pela qual não desenvolvo essa discussão neste texto⁵. Contudo, é importante pontuar alguns aspectos que marcaram essa construção do universo burguês que associava o trabalho doméstico - sobretudo da alimentação - com o gênero feminino. Como afirmou Carvalho (2001), na sociedade norte-americana no século XIX, o mesmo ideal democrático, calvinista que mobilizava transformações frente ao consumo nas camadas médias, revelou a situação desigual das mulheres. O aumento da demanda da mão-de-obra para a indústria impactou diretamente o trabalho doméstico: foi criada a ilusão de que a tecnologia iria diminuir a quantidade de trabalho e o gradual envolvimento da mulher de classe média com os serviços da casa graças ao número reduzido (ou nenhum) de serviçais.

⁵ Sobre esse tema ver CARVALHO, 2001, 191-211.

A sociedade norte-americana enfrentou nesse processo uma campanha para valorização do trabalho doméstico (CARVALHO, 2001). Houve um embelezamento do equipamento doméstico associado ao planejamento das atividades domésticas, de modo que o *housework* se transformasse em *house-making* (CARVALHO, 2001, 247-248), principalmente no início do século XX. Nesse modelo, a mulher se é a figura especializada, precisa ser educada e habilidosa, capaz de trazer ao espaço doméstico o conforto e o bom funcionamento das atividades. A extrapolação disso, como afirma Carvalho (2001, 247), é a criação e a consolidação de um espaço de intimidade que não aceitará o trabalho de alguém fora do círculo familiar: a empregada doméstica é um ser indesejável (Idem).

No Brasil, mais especificamente em São Paulo e Rio de Janeiro, o fim da escravidão não vai alterar o quadro dos serviços domésticos (CARVALHO, 2001), pois muitas mulheres vão continuar trabalhando como criadas nas casas de família. Apesar da facilidade em se obter essa mão-de-obra, o custo era muito alto e muitas famílias não podiam arcar. A preferência em geral era pelas atividades ligadas à cozinha. Em oposição ao que ocorria nos EUA, o Brasil manteve o espaço da cozinha como o espaço da criadagem, sem investimentos por muito tempo. Mais ainda, as mulheres abastadas eram associadas a atividades consideradas artísticas (bordados, pintura, reuniões filantrópicas, etc.) que deveriam ser diferenciadas das tarefas associadas ao imaginário da escravidão⁶. Deste modo, as miudezas, a decoração se instauravam no ambiente doméstico apresentando uma série de transformações no mobiliário e na organização do espaço da casa. Essa necessidade aparecia mesmo nas famílias mais pobres nas propagandas que lembravam que a mulher era responsável pelo conforto do lar, materializado na ideia de ordem e limpeza (CARVALHO, 2001).

Assim, o lar passa gradativamente a se constituir como espaço de conforto e paz, um refúgio ao “mundo lá fora” para servir ao homem. O esforço dessas mulheres deveria

⁶ Carvalho (2001) relembra a importância das recomendações médico-higienistas para “modernizar” o espaço da cozinha, mas que não alterou a subordinação das mulheres fora dos circuitos da elite a essa atividade.

ser submetido, no entanto, à invisibilidade: as tarefas femininas deveriam ser feitas nos momentos de intervalo dos cuidados com a casa, de modo a não comprometer o bom funcionamento e a ordem. Esse tipo de atividade, realizada num espaço determinado, marcada pela presença de objetos decorativos, está integrada ao conjunto de ações e tarefas destinadas à mulher: é um lazer, não deve ter qualquer conotação de esforço físico ou associação com trabalho. Há, nesse contexto burguês, uma continuidade entre corpo, objeto e espaço da casa (CARVALHO, 2001, 193) em que as mulheres aparecem dispostas num mesmo sistema de decoração dos objetos no interior do ambiente doméstico, submetidas a um controle visual e estético (CARVALHO, 2001, 196).

Na sociedade burguesa, mais ainda, à mulher vai caber o papel de mediadora das relações sociais, com uma construção de feminilidade cuja função é agradar, representar o homem através da casa⁷. Aos poucos, no mundo burguês, as mulheres são associadas à casa e à manutenção da família, à educação dos filhos, à administração de uma complexa rede de relações sociais (fora da casa). Sua inteligência é apreciada, mas moldada às necessidades da família e do marido. A ideia de uma complementaridade entre marido e mulher, nesse sentido, descarta um antagonismo de gênero (CARVALHO, 2001), mas mantém a hierarquia em que a mulher está submetida ao esposo.

Alguns estudos sobre a esfera/espaço público e privado na Inglaterra em meados do século XVIII e início do XIX já demonstram que não se pode tomar tais espaços como monolíticos⁸. Outros estudos, paralelamente, têm demonstrado que a mulheres inglesas, durante o século XVIII e XIX, tinham atuação na vida pública, sobretudo porque entraram no mercado consumidor e as fronteiras de organização dos espaços *dentro* e *fora* da casa se modificaram. Mellor (2000) defende, numa mesma linha que Carvalho (2001) que a ideia de “cuidado” com o outro - em especial família e marido - parece ter se

⁷ Carvalho demonstra esse tipo de construção através dos livros de etiqueta e das revistas destinadas ao público feminino, em especial às moças bem casadas que devem cumprir determinadas regras. Os cuidados com a roupa, explicitados através do uso de vestimentas brancas, é a demonstração social da presença de uma boa dona de casa. Carvalho ainda demonstra essas construções, relacionadas à disposição de móveis *adequados* aos ambientes e ao *bom gosto* da época.

⁸ cf. Mellor (2000) apresenta: Jeff Weintraub, Geoff Eley, Rita Felski, especificamente (p. 8)

transformado no discurso dominante no fim do século XIX: as mulheres eram destinadas ao cuidado doméstico e à introspecção.

Mais do que comprimir as distâncias temporais e espaciais - associando o Egito antigo ao universo anglo-americano e brasileiro do século XIX - interessa verificar de que modo a normatividade da associação cozinha-domesticidade-mulheres se constituiu e serve em grande medida para pautar estudos sobre gênero, mesmo no mundo antigo, se tornando um paradigma quase universal. É evidente que a literatura sobre o tema escapa aos limites desse texto. Contudo, é importante enfatizar o cuidado com a criação de uma “Amélia” egípcia.

AS EGÍPCIAS NA COZINHA

Os termos designados tanto para mulheres (st, nbt pr, Hmt, Hnrwt, sbnt) quanto para homens (tAy, rmt, s, apr) são vagos. Não indicam uma “natureza” dos indivíduos. Estes termos apresentam títulos, ou seja, *status* sociais que circunscrevem determinadas ações. Contudo, algumas feministas parecem ter caído na armadilha de associar as mulheres a “corpo” e também naturalizar uma série de “atributos femininos”, como a fertilidade e a maternidade.

As referências sobre fertilidade no Egito faraônico são em sua grande maioria associadas aos atributos da masculinidade (ROTH, 2000)⁹. Esse apontamento deveria abalar os pressupostos feministas que ainda insistem na associação das mulheres com fertilidade. Contudo, a contaminação da chamada “cultura ocidental”, que responsabiliza a mulher pela procriação, parece ainda tomar conta do campo de pesquisa. Nos mitos cosmogônicos, a ausência da mulher na criação é evidente e as figuras atuantes no sobrenatural no que diz respeito à fertilidade são masculinas, ou andróginas, mas com

⁹ Sobre a questão da masculinidade no Egito, ver Montserrat (1993, 1996), Parkinson (1995, 2008), Reeder (2008).

predominância masculina¹⁰ (BAINES, 2001b; ROTH, 2000), como o deus Min, representado com o falo ereto, e o deus Nilo, que possui também seios.

O papel da mulher é receber o sêmen e carregar a criança, mas ela não atua no



ato de criar. O determinativo para vulva no Médio Império é o cesto () e em períodos anteriores, era um triângulo invertido, possivelmente uma alusão ao formato da genitália feminina. Uma observação mais cuidadosa das fontes identifica a mulher na criação somente em períodos tardios, notadamente o período greco-romano. É importante separar a ideia de *nutrir* daquela sobre *criar*, não tomando o processo todo dos cuidados com a criança vinculados à concepção.

Roth (2000) ilustra o problema do gênero no mundo egípcio demonstrando que o céu e a terra têm gêneros invertidos, ou seja, no Egito, existe *a Céu* e *o Terra*. A cheia do Nilo é vista como um retorno do oceano primordial, indiferenciável, que continha toda a existência (ROTH, 2000, 195), mas é vista pelos egípcios com mais atributos masculinos, assim como a terra, o deus Geb. A deusa Nut se deita sobre Geb para dar início à criação. O papel de Nut, “a Céu”, nessa análise, é muito semelhante ao de Hathor, outra figura comumente associada à fertilidade. O papel dessas deusas é de estimular a fertilidade do parceiro. Elas não corporificam a fertilidade em si, mas a evocam no outro¹¹.

A ideia de dualidade é complexa e precisa ser examinada não apenas à luz da teoria feminista que entende a oposição como incompatibilidade de partes. Os egípcios entendiam o mundo como dual, mas isso não significa que pensassem o mundo de forma binária, de modo a privilegiar uma categoria em detrimento de outra (SWEENEY, 2011). Ao contrário, tais categorias devem ser pensadas como “fuzzy-boundaried” em vez de

¹⁰ Vale lembrar que em geral há associação de elementos vegetais, animais e humanos para compor as imagens dos deuses. (cf. ROTH, 2000, 190)

¹¹ A menção a Hathor é feita sobretudo com referência ao mito da Contenda de Hórus e Seth em que Hathor expõe sua genitália a Rê e, após isso ele ri e volta ao trabalho. De acordo com Roth (2000, 194-196) a deusa Hathor estimula Rê, permitindo que ele se recree e volte à vida.

rígidas, ou mesmo como partes complementares de um todo (SWEENEY, 2011, 02). Como afirmou Sweeney (Idem): “For the Egyptians, however, dualities might be opposed, but were ultimately to be reconciled”. Esse tipo de visão impacta o modo como concebemos as relações entre homens e mulheres, sobretudo no que diz respeito à organização da vida social no espaço da casa.

O lar conjugal parece ter sido de fato um modelo a ser seguido na sociedade egípcia. O casamento heterossexual era recomendado e há referências claras na iconografia e na literatura da importância das mulheres na casa. Todavia, o modo pelo qual as mulheres são descritas e as atitudes referentes ao seu papel na casa parecem, por vezes, contraditórias. As máximas, como as de Ankh-Sheshonq, Ani e Ptah-Hotep confrontadas com outras evidências literárias (contos e as poesias amorosas) mostram dois “modelos” femininos. A boa mulher é em geral representada no seu papel de esposa. Contudo, o termo mais utilizado para isso (*nbt pr*) não é claro. Seus usos são múltiplos e se modificam ao longo do período faraônico.

Toivari-Viitala estudou as mulheres da vila de Deir el-Medina e chama a atenção de que o termo *nbt pr* refere-se às mulheres casadas, como um *status* na casa (2001, 15-16). O casamento era um meio de socialização para homens e mulheres (ALLAM, 1981; EYRE, 1984, 2007; JOHNSON, 1994, 1999, 2003; GEE, 2008), um ideal social, em que os indivíduos adquirem um *status* privilegiado no grupo. O P. Berlim 13 538, por exemplo, apresenta um homem que é ridicularizado na cidade por “não ter mulher em sua casa”¹². Na língua egípcia a ideia de casamento estava associada a estabelecer uma casa: *aq r pr* “entrar na casa” (ver também KOLTSIDA, 2007). No caso do termo *nbt pr*, o papel e o *status* da mulher são garantidos *através* do casamento, mas não ficam limitados a ele. Aparentemente, o termo é próprio das mulheres da elite e está circunscrito a um modelo de vida social que não era compartilhado pela sociedade como um todo.

¹² Para isso, ver ZAUZICH (1971,1978) e MARTIN e ZAUZICH In: PORTEN, 1996, 277-385.

É notável, por outro lado, a ausência de informações sobre a noção de domesticidade ou mesmo de “casa” no mundo egípcio. O trabalho de Koltsida (2007) e mesmo Meskell (1998) foram uma primeira tentativa de organizar essas discussões, embora ainda restritos à Deir el-Medina¹³. Outros trabalhos como os de Kemp (1977) e Spence (2004) discutem brevemente esses conceitos no contexto amarniano, mas aparentemente a egiptologia deixou de lado outras questões. Como afirmou Meskell (1998), o estudo singular do “espaço feminino” é inadequado e limita uma compreensão das relações sociais.

Trabalhos antropológicos sobre casas e espaço doméstico são bastante difundidos, sobretudo pela relação que se estabeleceu com os estudos de parentesco, tema caro aos antropólogos. Estudos como os de Bourdieu (1979), Daniels (2008), Rahmeier (2012) demonstraram que a divisão de espaço e as suas atividades correspondentes são mais complexas do que simplesmente uma “divisão” do espaço em si. As formas arquitetônicas são elementos chave na construção da nossa identidade social: elas representam e desafiam a organização social, conectando ou separando pessoas, integrando comunidades ou promovendo segregação (RAHMEIER, 2012). Mais ainda, o espaço doméstico não pode ser visto como mero reflexo das relações sociais. Assim, discussões sobre a ideia de paisagem (*landscape*) na arqueologia, tais como as de Thomas (2001) e Tilley (2004, 2006) e conceitos como *habitus* e agência (*agency*) (BOURDIEU 1979; GELL, 1998; MILLER, 1998, 2007 a,b e no prelo; MILLER e TILLEY, 1984) parecem ter sido incorporados de forma desigual e os estudos de cultura material ainda não prevalecem entre os egiptólogos. A casa e o corpo não podem ser dissociados. Eles estão ligados física e conceitualmente, são essenciais para experienciar o mundo. Desta forma, como afirma Rahmeier (2012), interpretar as casas é um modo de interpretar como os seres humanos lidam com o mundo e constroem sua identidade.

¹³ É importante lembrar que a vila era o local onde moravam trabalhadores da região do Vale dos Reis, junto a suas famílias. Este é um contexto específico que não pode ser estendido a todo Egito, mesmo durante no Novo Império.

No período ptolomaico, os termos para casa e os espaços internos têm denominações específicas (HOUSSON, 1983, 14-16). No entanto, para o período faraônico, essas especificidades não existem. O espaço doméstico era compartilhado por ambos os sexos (SWEENEY, 2011; MESKELL, 1998; KOLTSIDA, 2007, TOIVARI-VITALA, 2001). O estudo de Meskell sobre o “primeiro cômodo” das casas na vila de Deir el-Medina, discutindo o trabalho de por exemplo, que apresentava um altar associado a cultos de fertilidade, poderia indicar que o espaço era utilizado primordialmente por mulheres (MESKELL, 1998, 221-226), mas também por homens e para outras atividades cotidianas da família, como a preparação da comida. Kleinke (2007, 73 - 75) e Sweeney (2011) afirmaram que os o uso dos cômodos não era feito por um *ou* outro sexo em separado.

Entre as atividades “femininas” estavam a preparação da comida e a fiação. Koltsida (2007) lembra que esse tipo de atividade requisitava tempo e as fontes apresentam o emprego de criadas para realizar a moagem nas casas. As filhas aparentemente estavam mais envolvidas nas tarefas domésticas do que as mulheres mais velhas (KOLTSIDA, 2007, 125). Apesar de Koltsida citar as fontes e uma breve análise bibliográfica sobre o tema, não consegue avançar no tema para as camadas mais pobres da população, ficando restrita a descrições das atividades femininas em determinados espaços mas sem estabelecer o aspecto relacional, fundamental aos estudos de gênero.

Ainda que às mulheres ficasse reservada a maior parte das tarefas domésticas, muitas atividades domésticas eram compartilhadas por homens e mulheres, como o preparo do pão e da cerveja, mas fora do círculo das elites. Contudo, os estudos de gênero privilegiam a participação feminina na produção (moagem) do pão. Esse tipo de associação ignora, por exemplo, evidências em que a presença masculina na produção é predominante, como nos casos das maquetes do I Período Intermediário, ou nas oficinas de pão encontradas em Amarna. Observando os catálogos de exposições durante a década de 1990, em que as mulheres e o gênero são temas centrais, a alimentação e o espaço doméstico aparecem como assuntos privilegiados (CAPEL e MARKOE, 1996). Não

se trata de dizer que as mulheres não tinham tais responsabilidades, mas antes, salientar quais são os pressupostos que determinaram essas associações.

Homens e mulheres da elite costumavam ser identificados nas representações pelos seus títulos, mas não por suas profissões distintos das camadas mais simples, que eram identificados pela execução de determinadas atividades. Nesse grupo, a lista de atividades realizadas por mulheres não é muito distinta daquelas executadas por homens, salvo a manufatura do linho. No Antigo Império, e menos nos períodos subseqüentes, as mulheres são representadas separando grãos, embora não apareçam cortando o trigo. No Novo Império vemos com mais freqüência mulheres atuando na colheita. Também são representadas confeccionando objetos de cerâmica, embora exista maiores evidências da participação dos homens. Além disso, as mulheres das camadas não privilegiadas poderiam ser dançarinas, musicistas, cantoras, carpideiras e servas. Paralelamente, os homens são apresentados em atividades como a caça, a pesca, o pastoreio, incluindo o parto dos animais e a extração de leite. Contudo, poucas cenas mostram as mulheres realizando atividades físicas.

Se há na historiografia portanto, uma preocupação de se compreender os títulos femininos e masculinos e mesmo a descrição (às vezes excessiva) das atividades profissionais de homens e mulheres, os estudos de gênero não podem se limitar a dizer que mulheres faziam isso e homens faziam aquilo, mantendo uma visão dicotômica. O ponto não é determinar se as mulheres egípcias ficavam ou não na cozinha, nem de descrever como era uma cozinha egípcia. Fazer isso não é suficiente para que os estudos de gênero de fato contribuam para uma compreensão das relações entre os indivíduos em seu contexto social.

Se os egiptólogos não se debruçarem sobre o material arqueológico discutindo conceitos essenciais para a compreensão dessas relações, tais como “casa”, “espaço doméstico”, de pouco servirá dizer que as mulheres realizavam as tais atividades domésticas. O risco de se fazer uma “gênese da Amélia” no Egito antigo é grande,

desdobrando-se em demais problemas que necessariamente esbarram nessas definições como, por exemplo, dizer o que era uma “serva” ou “servo”. O problema das traduções é apenas um entre muitos, dos quais destaco também a abordagem a respeito da cultura material. As categorias egípcias devem prevalecer, sobretudo no que diz respeito a noções de espaço, vida doméstica, pública, etc., ainda fora da lista de prioridades. É preciso que a abordagem antropológica colabore não para uma compressão temporal e espacial, mas para permitir que os egiptólogos se desfaçam de categorias conceituais forjadas no mundo burguês dos grandes impérios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAM, S. Quelques Aspects du Mariage dans l'Egypte Ancienne. *The Journal of Egyptian Archaeology*, vol. 67, p.116-135, 1981.

BAGNALL, R.; R., CRIBIORE, R. *Women's letter from Ancient Egypt. 300 BC-AD 800.* Michigan: The University of Michigan Press, 2006.

BAINES, J. Egyptian elite self-presentation in the context of Ptolemaic rule. In HARRIS, W.Y. & RUFFINI, G. (eds) *Ancient Alexandria between Egypt and Greece.* Columbia Studies in the Classical Tradition. Netherlands: Brill, 2004.

_____. *Visual and written culture in Ancient Egypt.* Oxford; New York: Oxford University Press, 2007.

BOURDIEU, P. *Algeria.* Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

BRANCAGLION, A. *O banquete funerário no Egito antigo - Tebas e Saqqara: tumbas privadas do Novo Império (1570-1293 a.C.)* Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia - Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 1999.

_____. *Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo II.* Série Monografias, 6. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2004.

BRESCIANI, E. Alimentos e bebida no Antigo Egito. In: Flandrin, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo (eds.) *História da Alimentação.* São Paulo: Liberdade, 1998 [1996].

BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of identity.* New York: Routledge, 1990.

_____. *Body that matters: on the discursive limits of “sex”*. New York; London: Routledge, 1993.

_____. *Undoing Gender*. New York; London: Routledge, 2004.

CAPEL, A. K.; MARKOE, G. E. (eds) *Mistress of the House, Mistress of Heaven: women in Ancient Egypt*. Catalogue exhibition. Cincinnati Art Museum. New York: Hudson Hills Press, 1996.

CARVALHO, Vânia C. *Gênero e Artefato: o sistema domestico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920*. Tese (Doutora em História Social) - Departamento de História. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DANIELS, I. *Japanese Homes Inside Out*. *Home Cultures* 5, 2 , p.115–140, 2008.

DARBY, W. et al. *The gift of Osiris*. London, New York, Academic Press, 1977.

DIELEMAN, J. “Fear of women? Representations of women in demotic wisdom texts”
In: *SAK* 25 (1998): 7-46.

DOWSON, T.A. “Queering sex and gender in Ancient Egypt”. In: GRAVES-BROWN, C. et al. *Sex and Gender in Ancient Egypt. “Don your wig for a joyful hour”*. Swansea: Classical Press of Wales, 2008.

EYRE, C. J. *Crime and Adultery in Ancient Egypt*. In: *JEA*. London, 70, p. 92-105. 1984.

_____. *The evil stepmother ad the rights of a second wife*. *JEA*. London, 93, p. 223-243, 2007.

FRANSEN, P. J. “The menstrual ‘taboo’ in Ancient Egypt.” In: *JNES* 66 (April 2007): 81-106.

GELL, A. *Art and Agency. An Anthropological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GRAVES-BROWN, C. et al. Sex and Gender in Ancient Egypt. “Don your wig for a joyful hour”. Swansea, Classical Press of Wales, 2008.

HARAWAY, D. Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature. New York; London: Routledge, 1991.

JANSSEN, J. J. Literacy and Letters at Deir El-Medina. In DEMARÉE, R.J.; EGBERTS, A. (eds) Village Voices. Proceedings of the Symposium “Texts from Deir El-Medina and their interpretation”. Leiden, May 31 - June 1, 1991. CNWS Publications, n. 13. Center of Non-Western Studies. Leiden University, 1992, p. 81-94.

JEFFREYS, D. (ed) Views of Ancient Egypt since Napoleon Bonaparte: imperialism, colonialism and modern appropriations. London: UCL Press, 2003.

JOHNSON, J. (ed) Life in a Multicultural Society: Egypt from Cambyses to Constantine and Beyond. (SAOC 51), Chicago, 1992.

_____. “Annuity contracts” and marriage. In: SILVERMAN, D. P. (ed). For his Ka. Essays in Memory of Klaus Baer. Studies in Ancient Oriental Civilization, n. 55. Chicago. 1994.

_____. “Speculations on Middle Kingdom Marriage.” in TAIT, J. W., LEAHY, A. (ed) Studies on Ancient Egypt in honor of H.S. Smith. London, The Egypt Exploration Society, 1999.

_____. “Sex and Marriage in Ancient Egypt”. In: GRIMAL, N. et al. Hommages à Fayza Haikal. Institut Français D’Archéologie Orientale. Bibliothèque d’étude 138. 2003, p. 149-159.

KEMP, B. The City of El-Amarna as a source for the Study of Urban Society in Ancient Egypt. World Archaeology, 9, 2, Oct., p. 123-139, 1977.

KOLTSIDA, A. Domestic Space and gender roles in ancient Egyptian village households: a view from Amarna workmen's village and Deir el-Medina. *British School at Athens*, 15. London, p. 121-127, 2007.

LAQUEUR, T. W. *Making Sex: body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

MACCORMACK, C.; STRATHERN, M. (orgs.) *Nature, culture and gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

MEEKS, K. R. (ed) *Egyptology and the social sciences*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1979.

MESKELL, L. *Archaeologies of social life: age, sex et cetera in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 1999.

_____. "Re-em(bed)ding sex: domesticity, sexuality and ritual in New Kingdom Egypt" In: SCHMIDT, R., VOSS, B. L. (ed) *Archaeology of sexuality*. London; New York: Routledge, 2000.

_____. *Writing the Body in Archaeology*. In: RAUTMAN, A. E. *Reading the Body. Representations and Remains in the Archaeological Record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

MONTERRAT, D. (ed), *Changing Bodies, Changing Meanings. Studies on the Human Body in Antiquity*. London; New York: Routledge, 1998.

_____. *Sex and Society in Graeco-Roman Egypt*. London; New York: Kegan Paul International, 1996.

_____; MESKELL, L. *Mortuary archaeology and religious landscape at graeco-roman Deir el-Medina*. *JEA*. London, 83, p. 179-97, 1997.

MELLOR, A. K. Mothers of the Nation. Women's Political Writing in England. 1780-1830. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2000.

MILLER, D. (ed.) Material Cultures. Why some things matter. London: UCL Press, 1998.

_____. Stuff. Cambridge: Polity Press, 2010.

_____; TILLEY, C. Ideology, power and prehistory. New directions in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____; SINANAN, J. Webcam. (no prelo)

MOORE, H. L. Feminism and Anthropology. Cambridge: Polity Press, 1988.

ORTNER, S. Theory in Anthropology since the Sixties. Comparative Studies in Society and History 26. n.1 p.126-166, 1984.

_____. Making gender: the politics and erotics of culture. Boston: Beacon Press, 1996.

_____. Anthropology and social theory: Culture, power, and the acting subject. Durham; NC: Duke University Press, 2006.

PARKINSON, R. 'Homosexual' desire and Middle Kingdom Literature. JEA. London, 81, p. 57-76, 1995.

_____. "Boasting about hardness": constructions of Middle Kingdom masculinity. In: GRAVES-BROWN, C. et al. Sex and Gender in Ancient Egypt. "Don your wig for a joyful hour". Swansea: Classical Press of Wales, 2008.

PORTEN, B. et all. The Elephantine Papyri in English. Three Millennia of Cross-Cultural Continuity and change. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996.

RAHMEIER, C. Materiality, social roles and the senses: Domestic landscape and social identity in the *estâncias* of Rio Grande do Sul, Brazil. *Journal of Material Culture* June 17, p. 153-171, 2012.

REEDER, G. Queer egyptologists of Niankhkhnun and Khnumhotep. In: GRAVES-BROWN, C. et al. *Sex and Gender in Ancient Egypt*. “Don your wig for a joyful hour”. Swansea: Classical Press of Wales, 2008.

ROBINS, G. *Women in ancient Egypt*. London, British Museum Press, 1993.

ROTH, A.M. “The absence spouse: patterns and taboos in Egyptian tomb decoration”. *JARCE* 36, p. 37-53, 1999.

_____. *Father Earth, Mother Sky*. Ancient Egyptian Beliefs about Conception and Fertility. In: RAUTMAN, A. E. (ed) *Reading the Body*. Representations and Remains in the Archaeological Record. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

ROWLANDSON, J. *Women and society in greek and roman Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

SCOTT, J. “Gender: a useful category of historical analysis”. *The American Historical Review* 91, No. 5. (Dec., 1986): 1053-1075.

SPENCE, K. The Three-Dimensional Form of the Amarna House. *JEA*, London, 90, p. 123-132, 2004.

STRATHERN, M. *O Gênero da Dádiva*. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

_____. An awkward relationship: the case of feminism and anthropology. *Signs* 12, n. 2 (Winter), p. 276-292, 1987.

_____. *Partial Connections*. Oxford, Rowman and Littlefields Publishers, 2004 [1991]

SWEENEY, D. "Offence and Reconciliation in Ancient Egypt. A Study in Late Ramesside Letter No. 46" in *Göttinger Miszellen* 158, 63-79, 1997.

_____. Correspondence and Dialogue - pragmatic factors in Late Ramesside letter-writing. *Ägypten und Altes Testament*. Band 45. München, Mafred Görg, 2001.

_____. "Gender and Request in New Kingdom Literature." In: GRAVES-BROWN, C. et al. *Sex and Gender in Ancient Egypt. "Don your wig for a joyful hour"*. Swansea: Classical Press of Wales, 2008.

_____. "Gender and Oracular Practice in Deir el-Medina" in *ZÄS* 135, Hefte 2, p.154-164, 2008.

_____. "Sex and Gender" In: FROOD, E.; WENDRICH, W. (eds), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles.
<http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz0027fc04>.

_____. SWEENEY, D. Lynn Meskell, *Archaeologies of Social Life: Age, Sex, Class et cetera in Ancient Egypt*, Review . *NIN*, 4, p. 159-168, 2003.

SILVA, T.R. A senhora da casa ou a dona da casa? Construções sobre gênero e alimentação no Egito Antigo. *Cadernos Pagu*. Campinas, julho-dezembro, p. 55-86, 2012.

TALLET, P. *História da cozinha faraônica*. São Paulo: SENAC, 2002.

THOMAS, J. *Archaeologies of Place and Landscape*. In: HODDER, I. *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity, 2001.

TOIVARI-VIITALA, J. "Marriage at Deir el-Medina." In: EYRE, C.J. (ed) *Proceedings of 7th International Congress of Egyptologists*. Cambridge 3-9 September, 1995. *Orientalia Lovaniensia Analecta* 82. Leuven, Peeters, 1998, p. 1157-1163.

_____. Women at Deir el-Medina. A study of the status and roles of the female inhabitants in the workmen's community during the ramesside period. Leiden: Nederlands Instituut voor Het Nabije Oosten, 2001.

TILLEY, C. Mind and Body in Landscape Research. Cambridge Archaeological Journal 14:1. United Kingdom, McDonald Institute for Archaeological Research p. 77-80, 2004.

_____. Introduction: Identity, Place, Landscape and Heritage. Journal of Material Culture 11 July, p. 7-32, 2006.

WILFONG, T. G. "Menstrual synchrony and the 'place of women' in ancient Egypt (Hieratic ostrakon Oriental Institute Museum 13512)." In: TEETER, E. (ed). Gold of praise: studies in honor of Edward F. Wente. Studies in Ancient Oriental Civilization (SAOC 58). Chicago: The Oriental Institute, 1999.

_____. Friendship and physical desire: the discourse of female homoeroticism in fifth century CE Egypt. In: RABINOWITZ, N.S. (ed) Among women: from the homosocial to the homoerotic in the Ancient World. Austin: Texas, 2002.

_____. Gender and sexuality. In: WILKINSON, T. (ed) The Egyptian World. London and New York: Routledge, 2007.

ZAUZICH, K. Th.- Ägyptische Handschriften, Teil 2 (Verzeichnis Orientalischer Handschriften in Deutschland 19, 2), Wiesbaden 1971.

_____. Papyri van der Insel Elephantine (=Oematische Papyri aus den staatlichen Museen zu Berlin I) , Berlin, Akademie-Verlag, 1978.

_____. MARTIN, C. J., "The Demotic Texts". In: PORTEN, B. (ed). The Elephantine Papyri in English. Three Millennia of Cross-Cultural Continuity and Change (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui. Studies in Near-Eastern Archaeology and Civilisation 22), 1996, p. 277-385.



NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade
2014, Ano VII, Número 1 – ISSN 1972-9713
Núcleo de Estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____. P. Carlsberg 21 und 22: Zwei Briefe von Bücherfreunden. In: FRANDSEN, P. J. RYHOLT, K. (eds) A Miscellany of Demotic Texts and Studies, The Carlsberg Papyri 3. Copenhagen, Carsten Niebuhr Institute of Near Eastern Studies, 2000, p. 53–57.

Artigo Recebido em: 25 de junho de 2013.

Aprovado em: 08 de janeiro de 2014.

Publicado em: 30 de abril de 2014.